

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

"UM DISFARCE DE FESTA NO PENSAMENTO DESSAS TEMPESTADES DE HOMENS": A MEMÓRIA DE MÁRIO DE ANDRADE ATRAVÉS DA CULTURA BRASILEIRA (1960-1980)

Maria Eduarda Sampaio Alves

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9976>

Submetido em: 2024-09-13

Postado em: 2024-09-16 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

"UM DISFARCE DE FESTA NO PENSAMENTO DESSAS TEMPESTADES DE HOMENS": A MEMÓRIA DE MÁRIO DE ANDRADE ATRAVÉS DA CULTURA BRASILEIRA (1960-1980)

Maria Eduarda Sampaio Alves,
ORCID: orcid.org/0009-0003-8052-4145
< mariaeduarda289@gmail.com >
Mestranda pela FGV CPDOC. Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: Este artigo investiga como a figura do modernista Mário de Andrade foi resignificada durante a Ditadura Militar brasileira (1964-1985), sendo instrumentalizada pela oposição política e cultural ao regime, além de influenciar os novos movimentos sociais, como o movimento negro e homossexual. Com base na teoria da memória coletiva de Michael Pollak (1989; 1992), a pesquisa explora como a obra e a figura de Mário foram reinterpretadas para fortalecer as lutas culturais e políticas da época. O método inclui a análise de periódicos alternativos, como *O Hífen*, *O Pasquim*, *Lampião da Esquina* e *Leitura*, veículos que se destacaram pela articulação de uma militância cultural à margem da grande imprensa. O estudo revela que, além de um importante autor literário, Mário de Andrade se tornou um símbolo de resistência e transformação social, com sua figura sendo reinterpretada em consonância com as demandas de grupos marginalizados. A pesquisa também destaca como os periódicos contribuíram para a construção dessa memória, refletindo a interação entre cultura, política e identidade nacional durante um período de repressão. Conclui-se que a memória de Mário de Andrade foi central para a oposição ao regime militar, influenciando debates culturais e sociais e reafirmando seu legado como parte de um processo maior de resistência e construção de novas identidades políticas e culturais no Brasil.

Palavras-chave: mário de andrade, sociologia da cultura, movimentos sociais, memória coletiva, ditadura militar

"UM DISFARCE DE FESTA NO PENSAMENTO DESSAS TEMPESTADES DE HOMENS": THE MEMORY OF MÁRIO DE ANDRADE THROUGH BRAZILIAN CULTURE (1960-1980)

Abstract: This article investigates how the figure of modernist Mário de Andrade was re-signified during the Brazilian Military Dictatorship (1964-1985), being instrumentalized by political and cultural opposition to the regime, as well as influencing new social movements, such as the Black and homosexual movements. Based on Michael Pollak's (1989; 1992) theory of collective memory, the research explores how Mário's work and figure were reinterpreted to strengthen the cultural and political struggles of the time. The method includes the analysis of alternative periodicals, such as *O Hífen*, *O Pasquim*, *Lampião da Esquina*, and *Leitura*, outlets that stood out for articulating cultural activism outside mainstream media. The study reveals that, beyond being

an important literary author, Mário de Andrade became a symbol of resistance and social transformation, with his figure being reinterpreted in line with the demands of marginalized groups. The research also highlights how these periodicals contributed to the construction of this memory, reflecting the interaction between culture, politics, and national identity during a period of repression. It concludes that the memory of Mário de Andrade was central to the opposition against the military regime, influencing cultural and social debates, and reaffirming his legacy as part of a broader process of resistance and the construction of new political and cultural identities in Brazil.

Key Words: Mário de Andrade, Sociology of Culture, Social Movements, Collective Memory, Military Dictatorship

INTRODUÇÃO

O movimento iniciado na Semana de Arte Moderna de 1922 era, para Celso Favaretto (2013), uma resposta a uma “falta de personalidade”, uma busca por uma autêntica identidade nacional. De modo semelhante à avaliação de Antonio Candido (2006, p.126) sobre a "libertação de uma série de recalques históricos, sociais, étnicos" através da consciência literária modernista, Favaretto argumenta que o vanguardismo desse início do século XX implicou a rejeição das origens impostas pela colonização e a criação de uma nova forma de ser. Assim como o Romantismo primeiro havia tentado no século XIX, o Modernismo emergiu como um movimento artístico genuinamente brasileiro, concebido no país e dedicado às suas questões específicas.

Neste sentido, a problemática central do Modernismo brasileiro gravitou em torno da tensão entre o nacional e o universal. Embora dialogasse com as vanguardas europeias, como as francesas e italianas do período entre as duas guerras mundiais, o propósito do movimento brasileiro não se limitou à mera assimilação desses ideais, mas à criação de algo inovador e autêntico. Para Candido (1999), tal como o Futurismo, o Dadaísmo e o Surrealismo, o vanguardismo nacional de 1922 preconizou a defesa da liberdade de criação e experimentação do artista, sempre em diálogo com a realidade brasileira. Tratou-se da afirmação de uma estética genuinamente nacional, rompendo com os moldes literários convencionais e incorporando temáticas populares, como o folclore. No contexto do centenário da Independência do Brasil e da acelerada industrialização de São Paulo nos anos 1920, emergiu entre os intelectuais da época a necessidade de uma profunda reflexão, catalisando o surgimento de um movimento que objetivava uma revisão social e cultural do país.

Se o movimento possuía grandes pretensões, enfrentou, no entanto, um claro problema de execução. É célebre a frase de Mário de Andrade proferida na conferência *O Movimento Modernista* de 1942: o movimento e seus artistas não deveriam “servir de exemplo a ninguém”,

mas pelo menos poderiam “servir de lição” (p.79). Para Mário, os ideais daquela geração de 1922 transcendiam a mera estética, representando uma tentativa de melhoramento político-social da humanidade que nunca foi efetivamente alcançada. Apesar dos avanços teóricos, o poeta argumenta que o movimento jamais abandonou sua torre de marfim, permanecendo sempre como “espiões da vida, camuflados em técnicos de vida, espiando a multidão passar” (1942, p.81).

Embora não tenha sido uma revolução completa como idealizada naquela semana de 1922, é inegável o impacto desse movimento no panorama artístico nacional, com sua experimentação e renovação das formas. Sob uma perspectiva mais ampla, o Modernismo pode mesmo ser interpretado como um modo de pensamento social brasileiro, refletindo essa constante necessidade de conceber e construir uma identidade nacional. Nesse sentido, defendemos que apesar dos fracassos e das problemáticas, das críticas de elitismo e da centralidade paulista do movimento, o vanguardismo de 1922 ocupa um espaço central na história brasileira, um antes e um depois na cultura nacional. Como destaca Frederico Coelho, a Semana de Arte Moderna estabeleceu-se como um modelo histórico, uma “agoricidade” permanente na mentalidade cultural do país. Mesmo em outras correntes proeminentes, como o tropicalismo e o concretismo, o autor ressalta, “[...] esses dois ismos sempre são ancorados no ismo original e fundador: o Modernismo” (2012, p.58). Apesar dos anos de rechaço dessa memória, os aniversários recentes do movimento se tornaram datas comemorativas institucionalizadas, sendo os anos de 1960, 1970 e 1980 parte de um “segundo ciclo vanguardista brasileiro” como referenciado por Marques (2022, p.155).

Mário de Andrade é parte fundamental do cânone de um pensamento social e cultural brasileiro de caráter mais abrangente. Trata-se não somente do reconhecimento de um autêntico poeta e literato nacional, mas da valorização de alguém que empenhou-se, em seus próprios termos, pelo “amplioramento políticossocial do Homem” (Andrade, 1942, p.80), como seu trabalho de mapeamento cultural do Brasil no projeto do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ou na elaboração de bibliotecas populares e circulantes enquanto participava do Departamento de Cultura de São Paulo (Velo; Madeira, 1999).

Esse artigo se propõe a investigar como, especificamente no período da Ditadura Militar de 1964, a figura e a obra de Mário de Andrade ganharam destaque no pensamento artístico e intelectual de oposição ao regime. Se é talvez mais conhecida a relação entre o Tropicalismo de Caetano Veloso e a antropofagia de Oswald de Andrade, esse trabalho pretende se aprofundar na participação marioandradina como uma influência mais complexa e penetrante na cultura da época, passando da análise da função social e política do artista e da arte mas também em

aspectos mais pessoais e relacionados ao crescimento no período dos novos movimentos sociais, fundamentalmente em relação ao movimento negro e homossexual.

Investigando esse tópico, essa pesquisa pretende interligar o crescente prestígio do autor de *Macunaíma*, tanto quanto intelectual brasileiro ¹quanto nas recentes reinterpretações de sua figura à luz dos movimentos sociais², em um processo histórico maior de transformação de sua memória. Importa aqui perceber como mais do que um simples lembrar, trazer novamente à tona um artista como Mário de Andrade remete à transformações políticas e sociais de uma época.

Para um autor como Roland Bleiker (2009), a arte tem relação direta com a política no sentido que é uma “forma nova” de ver a realidade, com o poder de representar vozes que não conseguem ser ouvidas ou mesmo emoções que nunca seriam compreendidas de uma maneira racional. Estudar a cultura é, portanto, essencialmente no contexto da ditadura civil-militar, uma forma de burlar a censura e compreender mais a fundo não somente as ações, mas os pensamentos dos artistas e intelectuais do período, na forma como produziam e interpretavam a cultura em suas diversas manifestações.

Neste sentido, trabalhos aqui com a ideia de memória coletiva tal qual tratada por Michael Pollak. Enquanto objeto de pesquisa, a memória deve ser compreendida em sua função coletiva e cultural, considerada não como parte de uma representação oficial ou parte fixa da História, mas exatamente em suas diversificadas interpretações ligadas aos interesses dos responsáveis por sua lembrança. Trata-se então de pensar um legado, como ele é construído, transformado e constante objeto de disputa. Mais do que uma herança material, a memória, segundo Pollak (1992), envolve também um sentido moral, que carrega uma conexão ou pertencimento específico para um grupo. Rememorar é mais do que simplesmente recordar. É buscar um significado específico do passado, uma tentativa de reviver momentos e encontrar razões ou soluções no que já aconteceu para enfrentar desafios presentes. É essencial entender a seletividade da memória, então, porque essa rememoração nunca é neutra e sempre serve aos interesses de grupos pela herança cultural, ou pelos objetivos políticos e sociais que buscam promover.

¹ Como exemplo, Mário foi tema do enredo da vencedora do carnaval de São Paulo de 2024, Mocidade Alegre, com o tema *Brasiléia Desvairada: a busca de Mário de Andrade por um país*. Nas palavras dos enredistas Jorge Silveira e Leonardo Antan: Nosso país está em construção e disputa desde seu surgimento. Se hoje estamos mergulhados numa crise de identidade, que permeia nossos símbolos e o que nos forma enquanto povo, essas dúvidas motivaram a obra e o pensamento de grandes intelectuais e estão presentes em cada cidadão brasileiro. Afinal, isto aqui o que é? O que nos faz Brasil? Um dos principais nomes da cultura brasileira, Mário de Andrade foi um dos pensadores a se debruçar sobre essas perguntas. Um dos autores mais celebrados e pesquisados, foi também um dos responsáveis pelo nosso modernismo e profundo curioso da cultura brasileira. (Antan, 2024, on-line).

² Importante considerar também os recentes movimentos de revisão da figura do poeta como centrados na figura de Mário como na exposição de 2012 *Mário: Eu Sou um Tupi Tangendo um Alaúde* do Museu Afro Brasil (Cardoso, 2018) e a divulgação da “tão polêmica” carta em que explica sua “tão falada homossexualidade” e que desaguou na exposição aberta esse ano no Museu de Arte de São Paulo *Mário de Andrade: duas vidas* (Barros, 2024).

O método de análise se fez a partir da pesquisa em periódicos, especialmente no que Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto (2007) chamam de “percorrer o caminho inverso” dos estudos tradicionais sobre a imprensa. Pensar a mídia é, então, pensar como ela se articula com o cotidiano de sua época. Para além de uma fonte neutra e objetiva, o estudo dos periódicos se torna interessante porque é a articulação com o pensamento social do período que se pretende estudar. Há uma relação mútua entre os periódicos, espaço privilegiado da articulação, e seus leitores, em suas demandas e interações. A imprensa, nos variados formatos que assume em diferentes períodos, é um espaço especial de organização social, refletindo e influenciando as dinâmicas culturais e políticas de cada momento histórico. Do público até o projeto editorial da equipe, é necessária uma sensibilidade de leitura para entender a ideologia implícita ou não nos conteúdos desses periódicos e como essas visões políticas se variam com o tempo.

Dessa maneira, essa pesquisa se expande em quatro periódicos: *Hífen* (Campinas, 1960-1962), *Leitura* (Rio de Janeiro, 1942-1973) *Lampião da Esquina* (Rio de Janeiro, 1978-1981) e *O Pasquim* (Rio de Janeiro, 1969-1991). Enquanto *O Hífen* é por poucos anos anterior ao Golpe de 1964, é interessante em sua temática, preterindo um conteúdo de valorização da intelectualidade negra do país. Podemos considerá-lo como sendo um dos periódicos pioneiros relacionados às lutas dos movimentos sociais da ‘nova esquerda’ que surgiram com mais força durante a ditadura, como o *Lampião da Esquina*. Parte da imprensa alternativa e relacionado com a luta de um movimento homossexual em começo de articulação política mais unificada, o periódico surgiu em 1978. Já o *Leitura*, se começa a ser publicado ainda no regime varguista, persistiu por uma considerável parte da ditadura civil-militar. Ele é interessante aqui pelo carácter literário mas também político, trazendo constantemente a colaboração de intelectuais mais militantes que conheceram Mário ou se inspiraram nele. De forma parecida, *O Pasquim* é talvez o mais famoso periódico da imprensa nanica e mesmo que mais focado em noticiar o cotidiano reprimido pela censura, tinha uma importante parte cultural em que Mário de Andrade foi um personagem constante. Os periódicos desta pesquisa foram propositalmente escolhidos por terem contornado os circuitos das grandes mídias de suas épocas, ressaltando mais seus aspectos políticos alternativos em uma militância política e social. Longe de procurarmos uma análise neutra, foram selecionados aqui pelas pela articulação que tinham com esses grupos.

A partir das pesquisas de Jorge Vergara sobre a presença de Mário de Andrade em periódicos da década de 1920 e 1930, pretendemos opor a visão discriminatória que imperava contra sua figura e obra e repensar o prestígio que essas mesmas problemáticas ganharam nas décadas de 1960 e 1970. Repensado por esses grupos políticos e sociais como uma herança moral

que funde sua vida e obra, desde a figura de Macunaíma até seu trabalho no então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, esta pesquisa busca elucidar as complexas interações entre política, cultura e identidade nacional. Analisa-se como a memória de Mário foi reinterpretada e instrumentalizada no discurso das esquerdas e dos movimentos sociais e como, a partir disso, podemos entender como esses grupos percebiam e refletiam o cotidiano em que viviam.

1. A MODERNIDADE RENOVADA

Em *A Moderna Tradição Brasileira*, Renato Ortiz investigou a complexa relação da identidade nacional, com as tensões entre as transformações políticas e econômicas do século XX e as profundas raízes das tradições brasileiras. Ortiz (1988, p.32) argumenta que a modernidade no Brasil sempre operou em um contexto peculiar, "fora de lugar", como exemplificado pelo Modernismo da década de 1920. Apesar da denominação, o movimento ocorre no Brasil sem uma modernização efetiva. Em vez de impactar imediatamente a realidade do período, o Modernismo acabou por antecipar temas que só ganhariam relevância em décadas posteriores. Em uma análise que abrange também o aspecto econômico, o autor identifica as décadas de 1960 e 1970 como o verdadeiro marco da modernização no Brasil. Durante esse período, consolidou-se uma sociedade de consumo e um mercado de bens culturais, impulsionados por uma modernização coercitiva promovida pelo Estado militarizado, que não hesitava em recorrer à força para privilegiar a lógica do mercado (Ortiz, 1988).

Privilegiar uma análise cultural neste cenário é reconhecer seu papel central na expressão das tensões sociais e na construção de espaços de reflexão e contestação. Em um contexto político marcado por golpes de Estado, manifestações e censura, a análise da arte e da cultura torna-se essencial para revelar dimensões da experiência humana que escapam às abordagens tradicionais. Roland Bleiker argumenta em *Aesthetics and World Politics* que a estética e a política estão profundamente interligadas no que ele chama de as dimensões políticas da poesia e as dimensões poéticas da política”, isto é, “como uma mente poética investigativa pode nos ajudar a ver coisas antigas de novas maneiras e como essa revisão pode gerar abordagens mais críticas, mais tolerantes e mais éticas para a política global” (Tradução nossa, 2009, p. 129)³. A poesia, o cinema, a fotografia e outras formas de expressão artística, ao envolverem-se com a linguagem de maneira única, são capazes de representar vozes marginalizadas e emoções que não podem ser

³ Do original: “the political dimensions of poetry and the poetic dimensions of politics”, isto é, “how an inquiring poetic mind may help us see old things in new ways, and how this reviewing may engender more critical, more tolerant and more ethical approaches to global politics”.

plenamente compreendidas de forma racional. Mesmo quando não explicitamente engajada, a arte oferece uma nova maneira de enxergar a realidade, gerando abordagens mais críticas, tolerantes e éticas em relação à política no âmbito global.

Dessa forma, a subjetividade, a alegoria, se sempre conectadas a produção artística, no momento específico da ditadura militar de 1964, tornam-se elementos essenciais para que intelectuais e artistas navegassem pelas restrições impostas pela censura ao mesmo tempo em que mantinham viva a reflexão política e social. Para Heloísa Teixeira (2024), por exemplo, o filme *Terra em Transe* (1967) revela todo um ethos do pensamento cultural daquela geração. Glauber Rocha capturou a complexidade das disputas ideológicas da época, entre o que poderia ter sido um Brasil progressista e a realidade opressiva do regime militar. Assim como argumenta Roland Bleiker (2009), o filme vai além de uma simples representação da realidade, atuando como uma forma de intervenção estética que estimula uma visão crítica sobre a política e a sociedade, permitindo ao espectador não apenas observar, mas refletir e questionar profundamente o estado das coisas. Ao estudar a estética em sua relação com a política, compreende-se que as representações artísticas não apenas refletem o contexto de sua produção, mas também moldam a maneira como entendemos e interagimos com o mundo político, influenciando emoções, identidades culturais e a construção de narrativas de resistência.

Uma divisão do pensamento político das esquerdas nas décadas de 1960 e 1970 pode ser compreendida a partir de uma análise das correntes culturais que emergiram e se consolidaram nesse período. A partir dos estudos de Marcelo Ridenti (2014), torna-se possível observar como o campo cultural foi dividido entre tendências que privilegiavam uma arte engajada, de crítica social direta, e aquelas que optaram por formas mais experimentais e simbólicas de resistência, em diálogo com as vanguardas artísticas internacionais. Essas divergências refletiam não apenas estratégias distintas de enfrentamento ao regime militar, mas também visões contrastantes sobre o papel da arte e da cultura na transformação política e social do Brasil. Nesse primeiro período, no embalo da Bossa Nova e das produções de fama internacional do Cinema Novo, a cultura passou pelo que Ridenti chamou de “Romantismo Revolucionário”: Romântico porque pregava a união do povo na ideia de nação, como o movimento alemão do século XIX, mas revolucionário porque foi relacionado ao movimento nacional-popular brasileiro, “[...] o paradoxo de buscar no passado (as raízes populares nacionais) as bases para construir o futuro de uma revolução nacional modernizante” (p. 65-66).

O final da década de 1960 significou uma ruptura radical com essa mentalidade otimista de revolução social. O ano de 1968 foi marcado pela censura de peças, filmes, livros e músicas e a investigação de artistas e intelectuais no que foi a institucionalização do Ato Institucional n.º 5.

Surtem nesse momento novas correntes artísticas, como o *hippie* movimento tropicalista, além das vertentes marginais no cinema e na poesia. O movimento tropicalista se distanciava das abordagens mais didáticas, preferindo uma revolução cultural que subvertesse as hierarquias e normas estabelecidas. O Tropicalismo não se limitava a uma postura politicamente engajada nos moldes clássicos, mas promovia uma crítica ao próprio conceito de identidade nacional fixa, utilizando a contradição, a irreverência e o deboche como formas de resistência. Em oposição ao projeto nacional-popular, os movimentos desse pós 1968 tinham como objetivo “mergulhar de cabeça nas novas estruturas para subvertê-las por dentro, incorporando desde as últimas conquistas das vanguardas internacionais até as tradições mais arcaicas, enraizadas na alma do brasileiro” (Ridenti, 2014, p. 375).

De volta a temporalidade de Renato Ortiz, Favaretto argumenta como é exatamente neste momento das décadas de 1960 e 1970 que o Modernismo enquanto movimento artístico encontra uma correspondência maior. A “institucionalização dos símbolos de modernidade” como referidos por ele (Favaretto, 2013, p.6), “em termos de política, cultura, educação e arte”, apesar das tentativas dos projetos culturais do regime varguista, só aconteceram efetivamente nessa segunda metade do século XX. É nesse novo contexto, impulsionado por seu desenvolvimentismo econômico e social, que a cultura nacional ganha uma importância não apenas artística, mas também carregada de implicações e objetivos sociais e políticos. Mesmo em 1964 e principalmente no pós-68, quando a crescente intervenção cultural norte-americana se junta ao sincretismo cultural da antropofagia tropicalista, ainda mais podemos perceber as heranças Modernistas em um presente contraditório e dinâmico, entre o arcaico e moderno.

Em sentido parecido argumenta Frederico Coelho. A semana de Arte Moderna reencontra um sentido maior na cultura brasileira exatamente por seu caráter iconoclasta, por sua oposição a uma ordem estabelecida (2012, p.99). No contexto do golpe militar, da ampliação da censura e do cerceamento de direitos fundamentais, o Modernismo, não só em sentido estético, mas também de sua posição política e social, consolida-se como um modelo a ser adotado pela intelectualidade da época.

Para um contemporâneo, como Antonio Candido, a Semana, “com sua grande e alegre revolta” não havia acabado, mas continuava como parte “de uma revolução literária permanente, que ainda não cessou de abalar e transformar os gêneros e sua linguagem” (1977, p. 15). No mesmo ensaio, Candido trás um importante tema da forma de adoção do ideário modernista. Na obra *A literatura brasileira em 1972*, ele destaca que existiram duas “figuras vivas e atuantes, fazendo parte do panorama literário” da época: Oswald de Andrade e Mário de Andrade (1977, p.15). Esse mesmo tema é expandido em Ivan Marques (2022). O pensamento político e social dos

Andrade se torna fundamental no cenário das décadas de 1950 a 70 como correntes opostas de abordagem cultural. Em uma categorização semelhante às de Ridenti (2014), é possível pensarmos um antes e um depois de 1968, em que Mário e Oswald alternavam como gurus espirituais da cultura engajada.

Líder consensual do movimento Modernista, Mário de Andrade foi mais associado às correntes artísticas em pauta no começo da década de 60 em um modernismo “solar e construtivo, enunciador de grandes promessas” (Marques, p.153), principalmente relacionado a um resgate e valorização da cultura popular. Enquanto isso, Mário seria como uma harmonização entre essas referências. Na forma como apresenta Favaretto, fala-se do esforço de um “trabalho de formação”, em uma “espécie de ideal que funcionaria como orientação na passagem do mimetismo à criação” (2013, p.3), isso é, a capacitação dos artistas brasileiros no distanciamento da mera imitação estrangeira e aproximação das raízes culturais populares do Brasil com as formas artísticas cultas, como em seus ensaios sobre a música brasileira ou os estudos sobre os aspectos do folclore. Seja no folclore ou na união do urbano-rural, buscava-se afirmar uma identidade nacional autêntica que refletisse a visão de um povo em desenvolvimento moderno. Não uma bandeira nacionalista ingênua, trata-se também de entender o Brasil apesar de suas falhas, especialmente em seus mitos de identidade, no que foi a figura de Macunaíma.

Já Oswald de Andrade até então não era um literato tão reconhecido. A reedição de suas obras pela Civilização Brasileira na década de 1970 e principalmente a estreia em 1967 no teatro da até então inédita *O Rei da Vela* pelo Teatro Oficina de Zé Celso são uma surpresa arrebatadora. Oswald encarnou o espírito irreverente e provocativo da antropofagia, explorando, no desconforto entre a cultura nacional e as influências externas, “o mal-estar na cultura, evidenciando aquilo que isto implica de conflito, tensão, luta” (Favaretto, 2013, p.5). O legado oswaldiano tornou-se a ideologia dominante entre os mais jovens, especialmente associada aos artistas tropicalistas, como um “neoantropofagismo”, e aos poetas concretistas, por seu radicalismo político e artístico. Corroído o otimismo de um futuro possível com a derrota política das esquerdas principalmente no pós-68, o foco predominante nessa época, especialmente relacionado ao pensamento de contracultura, era uma visão muito mais anarquista e experimental da cultura, uma produção alternativa e mesmo “antiartística” (Marques, 2022).

Ao contrário do que havia sido o cenário do movimento do começo do século, a atualização do legado modernista parecia considerar muito mais a influência oswaldiana, com Mário de Andrade se aproximando mais de uma, no que aponta Antonio Candido, “relativa área de sombra, de que talvez ainda custe para sair, junto à opinião mais dinâmica dos jovens renovadores” (1977, p.16). Para uma figura chave do Tropicalismo como Caetano Veloso, a

redescoberta de Oswald de Andrade foi uma revelação: “Oswald parecia sintetizar o turbilhão que vinha me passando pela cabeça desde 1966, desde *Terra em Transe*. Li e reli [*Memórias Sentimentais de João Miramar* e *Serafim Ponte Grande*”]. Quanto à produção marioandradina, entretanto, “continuei sem aguentar *Macunaíma*” (Leal; Sombra, 2017).

O foco no estudo da memória de Mário de Andrade é uma escolha particular e um meio para pensar a realidade brasileira mais ampla. O que propomos aqui é o exame da influência marioandradina como mais profunda e duradoura na cultura nacional, especialmente como formuladas nesse mesmo período histórico, mesmo que em um contexto alternativo a esses círculos protagonistas.

2. “QUE DIRIA MÁRIO DE ANDRADE DO REGIME EM QUE VIVEMOS?”

Estudar a memória de Mário de Andrade vai além de somente reconhecer o prestígio artístico que lhe foi atribuído ao longo do tempo; trata-se de entender como essa memória é continuamente formada, desfeita e transformada. Mário é reconhecido como a “figura central do Modernismo [...] poeta, narrador, ensaísta, musicólogo, folclorista e líder cultural” (Candido, 1999, p.70), atualmente o 5º literato brasileiro mais pesquisado por doutores em literatura brasileira (Eble, 2014)⁴, mas importa reconhecer como essa notoriedade não é possível de ser desvinculada de um contexto histórico-cultural maior.

O processo do que escolhemos lembrar ou esquecer é o que Michael Pollak chama de “enquadramento da memória” (1989), isto é, pensar a memória como um fenômeno coletivo, de eventos, datas e mesmo personagens capazes de integrar e representar grupos políticos, sociais, religiosos e étnicos. O papel de integrar uma comunidade torna essa dinâmica identitária e por isso, também política. A memória é um enquadramento no sentido que é construída e reconstruída, porque é um retorno ao passado para pensar os problemas presentes e imaginar um futuro possível.

Nas pesquisa de Jorge Vergara (2018), se enquanto ainda vivo Mário de Andrade era reconhecido como membro central do Modernismo, mesmo um professor de poetas mais novos nas ‘cartas de formação’ e colunista de diversos jornais de grande circulação, o Modernismo enfrentava disputas ideológicas no campo cultural frente a outras correntes mais conservadoras e lidava ainda com intrigas internas relacionadas à sua liderança. Para o autor, nas décadas de 1920 e 1930, Mário passou por campanhas difamatórias em três periódicos: os mais tradicionalistas

⁴ Em Eble (2014), a partir da análise do currículo Lattes de pesquisadores doutores de literatura brasileira, Mário consta como o 5º autor mais citado, precedido respectivamente por Machado de Assis, Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Graciliano Ramos.

Folha da Noite e *Dom Casmurro*, mas também na mais radical *Revista de Antropofagia*, na qual chegou a contribuir. O grande argumento de Vergara está no fato de que mais do que críticas literárias, as disputas em reportagens como trabalhadas em suas pesquisas trazem temáticas racistas e homofóbicas usadas contra a obra e mesmo a vida pessoal do autor de *Macunaíma*. Essas disputas ilustram como o enquadramento da memória não só constrói a imagem de Mário de Andrade, mas também reflete as tensões sociais e culturais do seu tempo, reafirmando a memória como um processo dinâmico e politicamente carregado.

Um tema interessante a ser analisado de maneira mais aprofundada é a disputa pela influência maior do movimento modernista entre Mário e Oswald como era divulgado na *Revista de Antropofagia*. As questões de sexualidade e raça foram utilizadas contra Mário de Andrade fundamentalmente como forma de contrapor seu destaque artístico e intelectual na cultura de sua época. Para os idealizadores da revista, Oswald de Andrade, Antônio de Alcântara Machado e Raul Bopp, Mário era “líder insuficientemente másculo” porque tinha uma falta de ‘atitude intelectual’ (Vergara, 2018, p.52). Isso é traduzido, por exemplo, na oposição à religiosidade de Mário, na sua não adesão a uma esquerda política tradicional e mesmo ao radicalismo do movimento antropofágico oswaldiano, como Vergara (2018) mostra demonstra na interpretação do poema marioandradino de 1928 *Manhã* ou na questão da problemática relação entre o poeta e o regime varguista no que foi seu trabalho junto com o ministro Gustavo Capanema (Nicodemo, 2016). Analisar essa temática é de interesse aqui porque a política em Mário de Andrade e principalmente suas ideias de arte social ganham uma nova luz no ambiente cultural das décadas de 1960 e 1970.

Neste item, buscamos demonstrar e associar como em dois periódicos culturais, espaço privilegiado da articulação das resistências do período da Ditadura Militar, *O Pasquim* (1969-1991) e a revista *Leitura* (1942-1973) são criadas e refletidas tendências da cultura da época, principalmente na relação de como Mário de Andrade foi transformado de artista apolítico para exemplo ideológico.

Mário possuía, portanto, um reconhecimento como artista, figura central do modernismo, mas também como pensador da cultura brasileira em um sentido geral. O reencantamento do movimento de 1922 nas décadas de 1960 e 1970 foi essencial para a institucionalização de sua figura e de seus esforços no estudo do Brasil. Em 1971 os membros do *Pasquim* entrevistaram Carlos Drummond de Andrade, no reconhecimento da importância do movimento e de seus líderes, é interessante o comentário de Sérgio Cabral:

Mário de Andrade foi um cara muito importante na Semana de Arte Moderna de 1922, coisa e tal e foi, na minha opinião, um dos maiores intelectuais brasileiros de todos os tempos, no sentido de que conhecia profundamente vários tipos de atividade cultural, era

um criador e um crítico como poucos, um revolucionário, coisa e tal (15-21 de julho de 1971, p.5).

Já no *Leitura*, o verde-amarelista Menotti del Picchia, antigo companheiro do Grupo dos Cinco, apesar da ideologia dissidente chega em uma interpretação semelhante ainda em 1960.

Para ele:

Creio que o primeiro passo para o desencadeamento do movimento modernista de 22 se deu como eu encontro com Oswald de Andrade combinado à conspiração, dias depois o autor de *Março zero* descobriu Mário [...] estabelecido o triunvirato inicial, Mário logo se destacou como líder. Seu gênio encontrava no nosso apoio força para vencer a sua timidez. proclamei-o Tiradentes da nossa inconfidência. Outros o chamaram o Papa do futurismo. O certo é que ele continua a ser um marco na história do pensamento brasileiro (fev. 1960, p.15).

Portanto, tanto o *Pasquim* quanto o *Leitura* apresentam uma leitura similar da importância das teorias marioandradinas no estudo da cultura e da sociedade. No período da ditadura militar no Brasil, entretanto, essa releitura de personagens e símbolos culturais por grupos artísticos e intelectuais adquiriu um caráter político explícito, aqui tomados não somente pelo reconhecimento da ação política de Mário de Andrade em vida, mas também da forma de que o falecido autor se oporia o regime militar. Para Otto Maria Carpeaux, por exemplo, Mário já era um opositor da extrema-direita quando em 1944 contribuiu com o manifesto do I Congresso Brasileiro de Escritores. No artigo “Os escritores e a situação” o austríaco nacionalizado pontua o destaque da política em Mário de Andrade. Para ele, se Mário estivesse vivo no período,

[...] sua assinatura não faltaria embaixo do protesto contra a intervenção da Editora Civilização Brasileira. Não poderia ele prever que, 20 anos depois, seria novamente necessário protestar [...] (junho/julho de 1964, p.11).

Da mesma forma pensa um de seus amigos e biógrafo, Paulo Duarte. Na pergunta do entrevistador Alceu Amoroso Lima “Que diria Mário de Andrade do regime em que vivemos?” A resposta é curta, “O mesmo que eu: xingava” (*Pasquim*, 18 a 25 dez. 1975, p. 12).

Ainda na relação com a política, Marques (2022) associa as teorias de arte social de Mário com a organização do Centro Popular de Cultura pela União Nacional de Estudantes no começo da década de 1960. Se as ideias do CPC de transformação da arte em instrumento ideológico eram talvez por demais simplificadoras da importância da arte, o autor destaca como foi a tensão entre a criatividade e as exigências políticas que moldou a prática artística do período.

Nesse sentido, no *Pasquim*, Mário ganha mais uma vez destaque não só como artista, mas como pensador “preocupado com a política, com o fascismo, etc e tal”. Para Sérgio Cabral, o artista paulista era um exemplo de arte engajada, além da arte pela arte. Em um dos quadros da seção “As dicas”, Cabral aponta no discurso marioandradino um exemplo de ativismo para os artistas contemporâneos, Não somente a necessidade da pesquisa etnográfica para aproximar-se

do povo e da cultura brasileira, é necessário expor-se abertamente contra o autoritarismo. Citando o autor paulista, o jornalista destaca:

O artista pode não ser político, enquanto homem, mas a obra de arte é sempre política enquanto ensinamento e lição; e quando não serve a uma ideologia serve a outra, quando não serve a um partido serve ao seu contrário (Cabral, 5-7 março de 1970, p.35)

Já no *Leitura* somos apresentados a um exemplo prático da influência do autor de *Macunaíma* e das relações ideológicas dessa lembrança. Na resenha do livro *Antologia dos Novíssimos* de José Mariano Carneiro da Cunha, o colaborador Paulo Dantas menciona o trabalho de alguns poetas mais conhecidos, como Álvaro Alves de Faria ou Decio Bar, principalmente destacando o poder dessa poesia “insatisfeita, revolucionária”, cujas influências iam de Mário de Andrade até Karl Marx (Julho de 1961, p. 54).

A produção por Joaquim Pedro de Andrade do filme de *Macunaíma* foi um importante ponto de referência de Mário de Andrade. Se ainda em 1960 a *Leitura* apontou o romance (então inédito) *Café* como importante obra de caráter social e nacional de Mário (fev. 1960, p.10), a escolha do diretor em uma ênfase maior à crítica social e política do momento, refletindo o contexto dos anos 60 e as novas identidades nacionais que surgiam na época, foi essencial para o sucesso do filme especialmente entre os meios alternativos, como é mencionado na resenha de Jaguar da produção, um “novo sul-americanismo”, importante por sua independência das influências imperialistas (13-17 nov. 1969, p.27).

Por fim, retornamos a ideia de Mário de Andrade enquanto estudioso cultural. Enquanto por um considerável tempo o autor paulista foi desconsiderado entre seus contemporâneos e por uma literatura especializada por sua associação com o regime varguista no Departamento de Cultura de São Paulo e na criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional sob o regime varguista, como é melhor referenciado em Nicodemo (2016), a importância de sua participação política, mesmo que em um regime autoritário, ia além de uma adesão ideológica, mas um reconhecimento da necessidade de institucionalização da cultura popular e do folclore.

Nesse sentido, é importante o reconhecimento dado por Edison Carneiro para a *Leitura*. Criador da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (CDFB)⁵ de 1958, ele destaca ativismo de Mário de Andrade. Em um texto claramente ideológico, se os políticos da Primeira República e do governo varguista não se interessam realmente pela valorização e preservação da cultura nacional no estudo do folclore, Mário de Andrade foi a grande exceção que agora guiava o pensamento da campanha (Abril de 1961, p. 37). De maneira parecida, o *Pasquim* realça a significativa participação do poeta no Departamento de Cultura paulista. Na entrevista a Paulo Duarte supracitada, o biógrafo ironiza o tamanho da relação de sacrifício de Mário para a cultura

⁵ Em 1978 transformado em Instituto Nacional de Folclore e atualmente em Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular.

brasileira, “Ele se integrou de tal maneira no Departamento que quando foi expulso teve aquele choque, do qual não se recuperou e morreu” (19 a 25 de dezembro de 1975, p. 9).

3. “O SEGREDO DE MÁRIO DE ANDRADE”

Se intrigas literárias faziam parte do cotidiano do Modernismo, seja em disputa com outras correntes artísticas ou entre os próprios modernistas pela liderança do movimento, as avaliações acerca de Mário de Andrade eram muito mais enviesadas. De acordo com Vergara (2018), mais do que a crítica de suas obras ou teorias, os comentários redigidos pelos periódicos das décadas de 1920 e 1930 adentravam sua vida pessoal, explicitando de que forma o racismo e a homofobia eram legitimados na mídia e como em específico atingiram Mário de Andrade. Ainda na análise da *Revista de Antropofagia*, por exemplo, Mário é referenciado por “Miss Macunaíma”, “Dona Maria”, ou então artista que da “recalque a parte do bode” por não assumir-se enquanto negro. Para Vergara, Mário é um caso especial no sentido que

[...] não existem críticas a outros autores em que o conjunto de estigmas seja concentrado no mesmo indivíduo: a visão pejorativa de seu tom de pele, o excessivo afeto entre homens, seu alunado composto na maior parte por mulheres, a amizade pederasta entre o mestre e os alunos adolescentes, e a atribuição pejorativa do feminino à figura masculina (2018, p.188).

Se é claro que o ambiente político das décadas de 1960, 1970 e 1980 não era dos mais favoráveis, isso não impediu o surgimento e a proliferação dos movimentos da ‘nova esquerda’, ou ‘novos sujeitos’ não mais focados nas lutas classistas, mas baseados em opressões de aspectos mais sociais, que saem da vida privada e invadem o espaço público, como o movimento negro e homossexual (Angela Alonso (2009)⁶). Os periódicos encontrados e trabalhados nessa parte da pesquisa foram uma grata surpresa no sentido que anteciparam temas hoje em dia tão relevantes em pesquisas sobre Mário de Andrade. Apesar de estarem em número muito menor do que as mais relacionadas ao trabalho ideológico do poeta, as reportagens tratadas aqui demonstram como os grupos sociais dessa época foram capazes de articular espaços públicos de reivindicações e formas de legitimação, como através da figura de Mário de Andrade. A reinterpretação do poeta nesse período recupera aspectos negligenciados e transforma sua vida, obra e prestígio como símbolo de resistência, evidenciando a ligação e a adaptabilidade da cultura e do pensamento intelectual aos desafios políticos da época.

É interessante iniciar essa seção com o artigo “O segredo de Mário de Andrade”. Escrito por Darcy Penteado, ele acompanha dois poemas de grande destaque nos estudos de sexualidade

⁶ Atualmente melhor chamado de movimento LGBTQIAPN+, escolhemos por referenciar esse grupo exclusivamente como homossexual seguindo a tendência de como era considerado na época.

no poeta: *Cabo Machado* e *Moda dos Quatro Rapazes*. Referenciando a separação entre Mário e Oswald tal qual vista na *Revista de Antropofagia*, Penteadó destaca a discriminação por trás das comuns ‘piadas’ oswaldianas, principalmente no sentido de que “zombava de duas coisas em Mário: a religiosidade e... (as reticências ficam por conta da discricção ‘intelectual’) (jul. 1979, p.12).

Encontramos ainda mais duas menções a Mário de Andrade entre as edições do *Lampião da Esquina*. Na sessão Literatura, ainda na primeira edição, o jornal vincula três “poemas malditos”, cantando a “beleza do adolescente”, um de Augusto Frederico Schimidt, outro de Sosígenes Costa e o poema “Sonetos” de 1937 de Mário (1978, p.10). Outra menção está na seção de conversa com os ouvintes, *Cartas na Mesa*. Para o leitor baiano Luis Machado, citando exemplos famosos como García Lorca, Oscar Wilde, Michael Prost e Mário de Andrade, o *Lampião* deveria trazer mais sobre a homossexualidade na literatura e nas artes em geral (*Cartas*, p. 14).

São breves também as referências a Mário de Andrade no periódico do início do movimento negro *O Hífen*. O periódico vendia-se muito mais sobre um jornal de notícias culturais sobre e para a população negra. Exibe-se ainda na primeira folha das edições de número 9 e 27 homenagens póstumas a Mário, uma na Escola Técnica de Comércio Frederico Ozanan (1962) e a outra no Instituto de Educação Carlos Gomes, que finaliza com um interessante trecho, destacando que Mário encarnou “os verdadeiros valores [que] se vão patenteando no conceito dos justos. Mário de Andrade foi um grande escritor que soube honrar sua raça, sua língua e o seu povo brasileiro” (jul. 1960, p.6). Por fim, destacamos mais uma homenagem na edição de número 4, em que em um resumo da vida e da obra do autor paulista, ele é referenciado já no título como parte dos “Grandes Negros” (fev. 1960, p.1).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Modernismo brasileiro, iniciado com a Semana de Arte Moderna de 1922, desempenhou um papel crucial na busca de uma identidade nacional autêntica, distinguindo-se não apenas pelo seu diálogo com as vanguardas europeias, mas por sua tentativa de criar uma estética genuinamente brasileira. A análise detalhada da trajetória de Mário de Andrade, especialmente durante a Ditadura Militar, revela como a memória e o legado modernista foram reinterpretados e mobilizados de forma complexa e multifacetada.

Durante a Ditadura Militar, a figura de Mário de Andrade foi ressignificada como um símbolo de resistência cultural e política, destacando-se em uma época marcada pela censura e

repressão. A pesquisa revela que essa resignificação não ocorreu de maneira uniforme, mas foi mediada por diferentes periódicos e contextos sociais. A análise dos periódicos *Hífen*, *Leitura*, *Lampião da Esquina* e *O Pasquim* revela a complexidade da articulação entre a memória cultural e a política. Esses periódicos, ao refletirem e moldarem o pensamento social do período, desempenharam um papel fundamental na construção e transformação da memória de Mário de Andrade. O estudo das interações entre a memória cultural e a política, bem como a análise das formas como a arte e a literatura foram mobilizadas para resistir à censura, oferece uma visão aprofundada sobre o impacto do Modernismo na cultura brasileira e suas contínuas resignificações.

Em suma, a pesquisa demonstra que o Modernismo e a figura de Mário de Andrade continuam a ocupar um espaço central na história cultural brasileira, não apenas como um marco estético, mas como um campo de disputa e transformação contínua. A memória de Andrade, reinterpretada e mobilizada por diferentes grupos ao longo das décadas, ilustra a complexidade das interações entre política, cultura e identidade nacional, sublinhando a importância de compreender como a memória cultural é constantemente negociada e reconfigurada em resposta às mudanças sociais e políticas.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. **Lua Nova**, São Paulo, n. 76, p. 49-86, 2009.

ANDRADE, Mário de. O Movimento Modernista. Rio de Janeiro: **Casa do Estudante do Brasil**, 1942.

AQUI ESTÁ a entrevista. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 106, 15-21 de jul. de 1971.

CABRAL, Sérgio. Mário de Andrade (1). **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 37, 5 a 7 de mar. de 1970.

BLEIKER, Roland. **Aesthetics and World Politics**. London: Palgrave MacMillan, 2009.

“CAFÉ” DE Mário de Andrade expõe um plano de romance. **Leitura**, Rio de Janeiro, ano XVIII, ano 32, fev. de 1960.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à Literatura Brasileira**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

_____. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. **Vários Escritos**. 2. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.

CARNEIRO, Edison. Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. **Leitura**, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 46, abril de 1961.

CARPEAUX, Otto Maria. Os escritores e a situação. **Leitura**, Rio de Janeiro, ano XXIII, n. 83/84, jun.-jul. de 1964.

CARTAS na mesa. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 1, n.7, dez. de 1978.

CRUZ, Heloisa de Farias; PEIXOTO; Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre História e Imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007.

DAMATA, Gasparino. Literatura. **Lampião de Esquina**, Rio de Janeiro, ano 1, n.1, mai.-jun. 1978.

DANTAS, Paulo. Tendência de Gente Nova. **Leitura**, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 48, jul. de 1961.

EBLE, Laeticia. A literatura brasileira e a permanência do cânone na academia. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, n.12, 2014, p.142-153.

EM MEMÓRIA de Mário de Andrade. Campinas, **Hífen**, ano III, N. 27, jan. 1962.

FAVARETTO, Celso. Do modernismo aos anos 60: resistência e criação. **Limiar**, São Paulo, v.1, n.1, 2013.

GRANDES negros: Mário de Andrade. *Hífen*, Campinas, ano I, n.4, fev. 1960.

HOMENAGEM a Mário de Andrade. **Hífen**, Campinas, ano I, n.9, jul. 1960.

JAGUAR. Um grande filme do Patropi. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n.21, 13-19 nov. de 1969.

MARQUES, Ivan Francisco. O legado modernista: recepção e desdobramentos nas décadas de 1960 e 1970. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 36, n. 105, p. 153-168, 2022.

NAPOLITANO, Marcos. Um modernismo, duas ditaduras: a vertente conservadora do modernismo brasileiro e as políticas culturais autoritárias ao longo do século XX. **ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte**, Uberlândia, v. 25, n. 47, p. 200-221, jul.-dez. 2023.

NICODEMO, Thiago Lima. O "Modernismo de Estado" e a política cultural brasileira na década de 1940: Cândido Portinari e Gilberto Freyre nos EUA. **Revista Landa**, Santa Catarina, Vol. 5, N. 1, 2016.

PENTEADO, Darcy. O segredo de Mário de Andrade. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 2, n.14, jul. 1979.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

PICCHIA, Menotti del. A presença de Mário. **Leitura**, Rio de Janeiro, ano XVIII, n.32, fev. de 1960.

RIDENTI, Marcelo. **Em busca do povo brasileiro: Artistas da revolução, do CPC à era da TV**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

TEIXEIRA, Heloisa. **Rebeldes e marginais: cultura nos Anos de Chumbo (1960-1970)**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024.

VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. Mário de Andrade: a função pública da arte e do artista. In: _____. (org.). **Leituras Brasileiras: Itinerários no Pensamento social e na Literatura**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999, p.111-134.

VERGARA, Jorge Israel Ortiz. **Toda canção de liberdade vem do cárcere: homofobia, misoginia e racismo na recepção da obra de Mário de Andrade**. 2018. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

VERISSIMO, ERICO; et al. Paulo Duarte, cidadão de São Paulo, do Brasil, do mundo. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, ano VII, n. 338, 19-25 de dezembro de 1975.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA: Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), especialmente no Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares (PROSUP).

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS: texto de autoria individual.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE: A autora declara que não há conflito de interesses a mencionar.

MINIBIOGRAFIAS DOS/DAS AUTORAS DO PAPER: Maria Eduarda é mestranda pelo programa de História, Política e Bens Culturais da Fundação Getúlio Vargas e graduada em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, estudando a área de Memória e Cultura.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.